

Presidente chama oposição para o diálogo

No primeiro discurso como reeleito, FHC diz que momento exige solidariedade com o País

TÂNIA MONTEIRO
e ISABEL BRAGA

BRASÍLIA - No primeiro discurso como presidente reeleito, Fernando Henrique Cardoso agradeceu os votos recebidos, disse que o momento é de "diálogo e solidariedade" e cobrou da oposição respeito ao resultado das urnas. Durante cerca de 40 minutos, o presidente fez um balanço político das eleições e da crise internacional e aproveitou para deixar claro recado que as medidas de ajuste fiscal, a ser apresentadas até o dia 20, serão austeras e poderão incluir até mesmo aumento de impostos.

Fernando Henrique declarou ainda que vai exigir dos governadores o rigoroso cumprimento dos contratos assinados com o governo federal. "Acabou a época no Brasil de fazer acordo para não cumprir", afirmou, ressaltando que honrar contratos faz parte "da ética democrática e da necessidade do ajuste das contas".

Para mostrar preocupação com a necessidade de garantir o crescimento do País e a estabilidade, anunciou que vai criar um órgão ou um ministério que coordene a produção nacional. Antecipou também a adoção de uma espécie de "circuit breaker" para ser acionado sempre que os governos estaduais ultrapassarem determinado limite em seus gastos.

Fernando Henrique quer ainda que, no ano que vem, o País disponha de um regime fiscal "ajustado à nova realidade", de tal maneira que os gastos do governo não pressionem o sistema financeiro. "Para que possamos baixar as taxas de juros e para que possamos, portanto, voltar a ter um crescimento sustentado", justificou. Ele prometeu também acirrar o combate à sonegação e o aumento do número dos que pagam impostos, mas sem permitir que o peso do ajuste recaia sobre os assalariados e o setor produtivo.

Desvios - "O Brasil cansou de ter impostos em cascata e injustos", observou, defendendo a necessidade de correção desses desvios do sistema tributário brasileiro. "Muitos que deveriam pagar não pagam e outros pagam demais."

Em seu discurso, o presidente

PEDIDO DE APOIO DA SOCIEDADE ÀS REFORMAS



No Alvorada: "O debate democrático não precisa ser feito de maneira impositiva, por regras burocráticas"

falou de sua emoção de ter sido reeleito e de ter conseguido convencer o eleitorado de suas propostas. Afirmou que continuará seu governo com mais empenho para que o Congresso decida sobre os projetos que considera essenciais: o fim da votação da reforma da Previdência; a aprovação de leis complementares para permitir a execução da reforma administrativa, para que os Estados possam ajustar-se; e a aprovação das reformas tributária e política.

"Como presidente da República e com o respaldo da imensa maioria do eleitorado, lutarei até o fim para conseguirlas (as reformas) e peço à sociedade que apóie, porque as reformas são essenciais para a tranquilidade do País e a manutenção da estabilidade econômica", declarou. Ele observou, contudo, que o resultado das reformas não surge do dia para a noite e, portanto, o governo seria "irresponsável se não tomasse medidas urgentes para ajustar a economia do País à nova realidade internacional".

Fernando Henrique aproveitou para responder à oposição,

que o acusou de não ter aceitado participar de debates eleitorais, durante a campanha. "Debati o tempo todo", disse. "O debate democrático não precisa ser feito de maneira impositiva, por regras burocráticas, em que um fala dois segundos e o outro três; é o debate aberto, com o País todo, que foi o que nós travamos."

Rumo - O presidente salientou ainda que o resultado das urnas o deixa mais ciente de suas responsabilidades com o País e de sua determinação de fazer o necessário para que "continue no seu rumo". "A responsabilidade é muito grande, e uma tarefa como a que estamos enfrentando no Brasil não é tarefa para ser cumprida por alguém que se pense iluminado, ou que pense que só ele é o dono da verdade", declarou.

"Mais do que nunca, neste momento, é preciso que haja sentimento de diálogo e de solidariedade", disse. "Solidariedade para com a Nação, para com objetivos que não são meus, não são pessoais." Para o presidente, o Brasil precisa ter uma oposição "que discuta, que aceite o resultado das urnas e respeite o povo, que respeite as opiniões, assim como os que têm a maioria são obrigados também a res-

peitar o ponto de vista dos que não a tenham".

E rebateu críticas da oposição: "Erram os que pensam que agora é a hora do mercado e que isso significa dizer que não é mais hora do social", afirmou. "Vão ficar falando sozinhos, porque as coisas se fundem; agora é hora de dar condições para a economia continuar crescendo e atuar para que o mercado vá nessa direção, dando às populações mais necessitadas do País a solidariedade básica, emprego e renda para que elas possam continuar avançando."

Fernando Henrique lembrou que não foi eleito apenas para resolver a crise atual, "que é passageira". Ressaltou que foi eleito por milhões de votos de pessoas que lutam para manter seus empregos e, por isso, vai dar atenção especial a esse setor.

Em seguida, citou vários projetos que anunciou durante os últimos meses. "Não foram palavras de propaganda eleitoral", garantiu o presidente. "Foram palavras de compreensão das necessidades do Brasil e também de compreensão das possibilidades que o Brasil tem."

■ A íntegra do discurso do presidente está na página A8

O QUE DISSE FERNANDO HENRIQUE

"Debate democrático não precisa ser feito de uma maneira impositiva, por regras burocráticas, em que um fala dois segundos e o outro três. É o debate aberto do Brasil todo, que foi o que nós travamos"

"Meu estado de espírito é de emoção, por ter recebido nas urnas, de novo, o apoio do País. Pela segunda vez, consegui convencer o povo de que havia um caminho, um rumo para o País"

"O Brasil precisa hoje de uma oposição que discuta, que aceite o resultado das urnas e respeite o povo, as opiniões. O diálogo é um imperativo nacional, ou mais, internacional"

"Serão feitos os sacrifícios que forem necessários, sob a condição de que não recaiam sobre os que mais necessitam. Mas não estou antecipando nenhuma medida, não é isso"

"No segundo mandato vou empenhar-me mais para aprovar as reformas, condição necessária para a prosperidade de um povo. Peço o apoio da sociedade, que me apóie e continue firme na batalha"

"Enquanto não tivermos capacidade de fazer com que a dívida pare de crescer, não teremos força para baixar as taxas de juros"

"O ajuste fiscal tem de recair sobre a ineficiência da máquina, sobre o excesso de pessoal, os privilégios que ainda existem, e não sobre o conjunto da sociedade"

"Acabou a época no Brasil de se fazer acordos para não serem cumpridos. Os contratos feitos com o Tesouro Nacional serão honrados pelos governadores"

"Vamos criar medidas que eliminem brechas da sonegação, aumentando o número dos que pagam impostos, sempre prestando atenção para que não recaiam, mais uma vez, sobre os assalariados o peso do ajuste"

"A nossa situação hoje não é particular. A despeito de uma outra observação de campanha, ela não é local, é internacional. A crise que deriva desse processo é internacional"

"Nós não podemos deixar de ter presente que fazemos isso para poder produzir mais riqueza, para poder baixar as taxas de juros, para poder criar mais empregos, para poder levar adiante a transformação econômica do Brasil"

"Nesse sentido vou criar, oportunamente, um órgão; vou

transformar um ministério em um órgão que efetivamente coordene a produção nacional e tenha condições de discutir as formas de financiamento necessárias para que o Brasil possa continuar investindo e crescendo"

"Não vou me descuidar, descuidar dos programas de renda mínima, de uma atenção especial aos pobres"

"Durante a campanha, tudo o que disse não foram palavras de propaganda eleitoral. Foram palavras de compreensão das necessidades do Brasil e também de compreensão das possibilidades que o Brasil tem"

"Não fui eleito para resolver apenas uma crise, que é passageira, mas para criar empregos, impedir a volta da inflação e manter a estabilidade"

Wilson Pedro/AE